



CÔ AVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº

EDIÇÃO DA

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA



ACTAS DO I CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA
DE TRÁS-OS-MONTES, ALTO-DOURO E BEIRA BAIXA
(ANO DE 2004)

ISBN 972-8763-15-8



9 789728 763152

PUBLICAÇÃO ANUAL A CÁRREGO DO GOVERNO
CULTURAIS DA CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA NOVA DE TRÁS-OS-MONTES

CÔAVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 7 · ANO DE 2005

TRABALHO COORDENADO POR

ANTÓNIO N. SÁ COIXÃO

(Este número da Còavisão publica exclusivamente as Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, organizado entre 29 de Abril e 2 de Maio de 2004, áreas dos Concelhos de Meda e Vila Nova de Foz Còa)



Foto da capa:

Rio Douro – Lugar do Torrão

Composição e impressão:

Còa Gráfica – Artes Gráficas, Lda. — V. N. de Foz Còa
Depósito legal n.º 121116/98
ISBN 972-8763-15-8

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÒA
2005

Índice

Prefácio.....	5
Introdução.....	7
“Povoações Romanas da Beira Transmontana e Alto Douro” <i>Jorge de Alarcão</i>	9
“Existe uma ocupação Proto-Histórica em Trás-os-Montes antes da ocupação Romana? Alguma notas sobre esta questão” <i>Dulcineia Cândida Bernardo Pinto</i>	19
“Arte Rupestre e Ocupação Humana no Vale do Côa – balanço da investigação no Parque Arqueológico do Vale do Côa” <i>Luís Luís</i>	31
“Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): Balanço de seis anos de trabalho neste recinto monumental pré-histórico” <i>Vitor Oliveira Jorge...e outros</i>	61
O sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) – reflexões sobre fases e contextos” <i>Susana Oliveira Jorge... e outros</i>	69
“Tipologias de aparelho construtivo do Sabugal Velho” <i>Marcos Osório</i>	81
“O troço desactivado da linha do Douro (Pocinho – La Fuente de San Esteban): um caso de Património Arqueológico Ferroviário a defender” <i>Carlos Abreu</i>	101
“O Esteio gravado do Cabeço do Bique (Perafite, Vila Verde, Alijó)” <i>Francisco Monteiro Faure e Eliana Miranda de Sousa</i>	133
“O Pentagrama de Ribeira de Piscos (Vila Nova de Foz Côa) e seus paralelos no contexto da arte rupestre filiforme pós-paleolítica da Península Ibérica” <i>Fernando Augusto Coimbra</i>	145
“Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa – Primeiros resultados da estação sismológica e da estação meteorológica em funcionamento no PAVC” <i>António Pedro Batarda Fernandes</i>	159
“Antiquários e Arqueólogos” <i>António Alberto Rodrigues Trábulo</i>	167
“A Pré-História Recente no Douro Sul. Um ensaio de Arqueologia Espacial” <i>António José Fernandes Heitor e Carla Isabel Dias Franco</i>	173
“A estátua-menir de Longroiva e a sua importância para a cronologia da Idade do Bronze na região do Côa e territórios confinantes <i>Adriano Vasco Rodrigues</i>	179
“As fíbulas do Bronze Final e Idade do Ferro de Portugal Interior (Norte e Centro): problemática sobre produção local e de longa distância” <i>Salette da Ponte</i>	185
“Pré-História Recente na região da Guarda – alguns subsídios” <i>Manuel Sabino G. Perestrelo e Marcos Osório</i>	207

"Canedotes (Vila Nova de Paiva – Viseu): uma aproximação à ocupação do povoado"	233
<i>Alexandre Canha</i>	
"O Castelo de Torre de Moncorvo: resultados da intervenção de 2001"	251
<i>António Chéney e Pedro Sobral de Carvalho</i>	
"A Numária de Ervamoira e a do Baixo Côa"	275
<i>J. A. Gonçalves Guimarães e Susana Guimarães</i>	

O sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão (V.^a N.^a de Foz Côa): Reflexões sobre fases e contextos

GONÇALO L. VELHO^{*}, JOSÉ M. VARELA^{**}, LÍDIA BAPTISTA^{***},
MARIA DE LURDES OLIVEIRA^{****}, SÉRGIO GOMES^{*****},
SUSANA OLIVEIRA JORGE^{*****},

Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) é dos raros casos peninsulares em que se desenvolve, há cerca de 15 anos, um processo de investigação permanente. Tal experiência continuada tem sido acima de tudo, um exercício de revisão e reflexão acerca do modo de fazer arqueologia, de pensar o passado e, ultimamente, de o divulgar para o grande público.

O presente texto deve ser entendido enquanto uma fase desse processo de investigação ainda em curso. Assim, na tentativa de se criar uma visão narrativa (histórica) acerca do modo como foi criado este monumento do 3.^o / 2.^o milénio, optou-se por apresentar um modelo hipotético acerca dos momentos de “domesticação” do morro em que este se situa (Fig. 1).

1.^a FASE CONSTRUTIVA

Num primeiro momento de “domesticação” do morro (nos inícios do 3.^o milénio B.C.), a intervenção arquitectónica vai no sentido da implantação, no topo e nas vertentes, de estruturas de pouca envergadura de configuração semicircular eventualmente abertas à paisagem. Deste modo, a cenografia natural é alterada apenas pontualmente, sendo que a única estrutura que marca incisivamente a paisagem, o Torreão Sul, se destaca também por criar um espaço voltado para o cume do morro. Todavia, esta fase encontra-se ainda estudo pelo que tudo isto deve ser encarado como uma hipótese de trabalho (Fig.2).

2.^a FASE CONSTRUTIVA A

A 2.^a fase construtiva A destaca-se da anterior pela construção, no topo do morro (durante a 1.^a metade do 3.^o milénio B.C.), de um recinto subelíptico, cuja configuração precisa é desconhecida, mas que marca uma ruptura com o modo anterior de intervenção arquitectónica. Com efeito, à volta do afloramento mais elevado do morro, surge um espaço circundado por uma parede, de base pétreo, **cuja incisão na cenografia natural é significativa**. No exterior do recinto a intervenção faz-se através da permanência de estruturas escavadas na rocha definidas por uma linha basal pétreo e abertas à paisagem¹ (Fig.3).

Em articulação com esta fase foram identificados contextos que remetem para a utilização dos artefactos enquanto elementos de **deposições associadas à vida da própria arquitectura**. Refira-se, a título exemplificativo, a existência de uma passagem (localizada nas quadrículas C5 e C6) na qual foi depositado, numa fase posterior, um conjunto artefactual muito heterogéneo (Fig. 4).

* Doutorando em Arqueologia FLUP - e-mail: gonvelho@ipt.pt

** Mestre em Arqueologia - e-mail: jmpvarela@hotmail.com

*** Mestre em Arqueologia - e-mail: lidiabap@sapo.pt

**** Mestre em Arqueologia - e-mail: mlc_oliveira@mail.pt

***** Mestre em Arqueologia - e-mail: sergiorgomes@mail.pt

***** Professora de Arqueologia. Departamento de Ciências e Técnicas do Património (DCTP), FLUP - e-mail: susanaojorge@yahoo.com.br

¹ OLIVEIRA, Maria de Lurdes, *As Primeiras Intervenções Arquitectónicas no Castelo Velho de Freixo de Numão*, Dissertação de Mestrado, FLUP, 2003.

Saliente-se ainda a presença de vários contextos em espaços abertos ou no interior de estruturas em áreas onde posteriormente seria edificada a 2.^a rampa/talude nas vertentes sul e oeste.

2ª FASE CONSTRUTIVA B

Esta fase destaca-se, da anterior, pela construção, a sul e a oeste do recinto, de uma rampa/talude, isto é, **construções que se destacam na paisagem pela sua volumetria**; simultaneamente, na vertente leste é construído um murete interrompido por duas entradas. Ao nível do recinto é de referir a sua “expansão” para sul através da construção de um avançado (Fig.5).

Saliente-se ainda que durante esta fase (c. 2500 a 2300 B.C.), o recinto é alvo de várias reestruturações ao nível das passagens. Com efeito, das oito entradas identificadas apenas duas permaneceram em funcionamento no momento final desta fase. No seu interior surgem várias estruturas, sendo de destacar a “torre” central. No lado exterior do recinto permanecem estruturas semelhantes às da 1ª fase.

Outro aspecto importante acerca desta fase prende-se com o facto de corresponder, em linhas gerais, a **uma solução arquitectónica que perdura até à segunda metade do 2.º milénio B.C.**

Relativamente aos artefactos e a alguns contextos identificados é de reforçar o seu carácter de “deposição”: **tratando-se de artefactos cujo reconhecimento nos remete, a priori, para uma determinada actividade, a análise aprofundada desse mesmo contexto leva-nos a inseri-los numa dinâmica deposicional cuja original intencionalidade nos escapa.**

Estas deposições tanto podem ocorrer no interior de estruturas como em áreas abertas, sendo que, quando relacionadas com estruturas, a deposição pode ocorrer tanto ao nível da sua fundação, como relacionar-se com o seu funcionamento, reestruturação ou condenação.

A **estrutura S**, localizada no interior do recinto, nas imediações da passagem oeste, apresenta um conteúdo constituído por milhares de sementes de cereal e centenas de fragmentos cerâmicos organizados em vários níveis, que nos remetem para uma rígida manipulação/deposição de cada um dos elementos. É de salientar que os fragmentos cerâmicos assumem um papel de “artefacto”: isto é, o conteúdo desta estrutura não corresponde a vasos partidos que continham no seu interior cereais, mas a fragmentos de vasos e de cereais que foram depositados no interior da estrutura (Fig.6).

A este propósito refira-se que o estudo dos 17 mil fragmentos cerâmicos do interior do recinto, efectuado por Lídia Baptista, no âmbito da sua tese de mestrado², remete para a interpretação da utilização de muitos fragmentos enquanto objectos que são depositados em múltiplos contextos.

Voltando à estrutura das sementes, é de reforçar a ideia de que os fragmentos cerâmicos e as sementes apresentam uma relação que ultrapassa a mera aceitação de “sementes no interior de vasos”, enviando-nos para uma manipulação codificada dos artefactos no âmbito da representação metafórica do armazenamento.

Igualmente ordenado surge um conjunto artefactual no interior de uma estrutura localizada na plataforma oeste (a **estrutura ER**); neste caso são depositados, em níveis sucessivos, fragmentos cerâmicos, pesos de tear, uma conta de colar, fragmentos de moinhos manuais, um denticulado de xisto e ossos humanos. Estes artefactos são depositados ao lado ou no interior de um “nicho” onde foi detectada uma inumação mutilada de um indivíduo do sexo feminino (Fig.7).

Este contexto conota-se com a presença de ossos humanos numa esfera que não tem necessariamente de corresponder a um ritual funerário (numa acepção clássica), mas que implica uma **manipulação/circulação de partes de vários esqueletos humanos numa esfera social que articula os chamados “objectos domésticos” com os “objectos de excepção”**.

Fora de estruturas, em espaço aberto, ocorrem igualmente concentrações de artefactos. Na zona Z, no lado oeste do interior do recinto, foi identificada uma **concentração de 27 pesos de tear** (Fig.8). Este

² BAPTISTA, Lídia, *O Interior do Recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão: Contributos para a Interpretação de Contextos de Uso*, Dissertação de Mestrado, FLUP, 2003

contexto pode ser articulado com os buracos de poste que lhe são contíguos, podendo sugerir a presença de um tear vertical. Apesar de se supor a existência deste dispositivo será que este contexto deverá articular-se exclusivamente com a tecelagem ou a sua presença estará associada, como nos outros casos, a uma dinâmica mais abrangente de manipulação que não passa necessariamente pelo uso funcional/ imediato destes artefactos?.

Com efeito, tomando esta concentração como uma deposição, ela pode estar articulada com uma dinâmica de **representação das “tarefas do dia a dia”**. No estudo dos vários contextos em que ocorrem estes artefactos, os “pesos de tear” surgem como objectos que são manipulados em vários cenários, ou seja, trata-se de um veículo para a objectivação das mais variadas actividades³.

Relativamente ao conjunto artefactual desta fase é ainda de salientar a presença de vários objectos de cobre, objectos de adorno, um objecto de ouro, cerâmica oculada e campaniforme cordado (Figs. 9 e 10).

2.ª FASE CONSTRUTIVA C

Retomando as fases construtivas, no final da 2.ª fase B (por volta de 2300 B.C.) o número de entradas no recinto ficou reduzido a duas. Durante a fase C (de 2200 a 1300 B.C.), várias estruturas da fase anterior deixam de funcionar, permanecendo apenas duas; foram reconhecidos restauros no talude e descoberta a existência de novas estruturas (com materiais menos duráveis), tanto no âmbito do recinto como na área do murete leste (Fig.11).

Ao nível da componente cerâmica é de referir que, acompanhando as formas e organizações decorativas das fases anteriores, ocorrem cerâmicas com decoração plástica, sendo de destacar a presença de vasos carenados (Fig. 12) e com cordões e mamilos⁴ (Fig. 13).

Os exemplos anteriores inserem-se no quadro tipológico regional para a Idade do Bronze Inicial/Médio. Todavia, ocorre igualmente mais de uma centena de fragmentos com decoração **Cogeces**, sendo que o seu estudo foi efectuado por Leonor de Sousa Pereira na sua tese de mestrado apresentada na FLUP⁵ (Fig. 14). Esta investigadora afirma que a presença desta cerâmica nesta estação deve ser entendida como **um indicador de intercâmbios supra-regionais** entre elites do Noroeste Peninsular e da Meseta Norte.

3.ª FASE CONSTRUTIVA

Durante esta fase (por volta de 1300 B.C.), **o monumento é alvo de um vasto encobrimento** com o recurso a pedras e terra, constituindo-se uma imensa carapaça que confere a esta condenação uma acção com enorme impacto social. Não sabemos se esta condenação estará associada a uma abandono efectivo do sítio ou se, pelo contrário, este espaço continuou activo na forma de organização espacial em que ele se inseria (Fig. 15).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se disse anteriormente, Castelo Velho ainda está em estudo, pelo que a interpretação apresentada, com base em materialidades produzidas ao longo de quinze anos de escavação, deve ser entendida enquanto um momento de um percurso repleto de interrogações. Todavia, existem alguns

³ GOMES, Sérgio, *Contributos para o Estudo dos “Pesos de Tear” de Castelo Velho de Freixo de Numão. Exercícios de Interpretação do Registo Arqueológico*, Dissertação de Mestrado, FLUP, 2003

⁴ A cerâmica desta fase foi estudada por José Manuel Varela na sua dissertação de mestrado intitulada *As cerâmicas do Bronze Inicial e Médio de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Tradição e Inovação na Transição do III para o II milénio a. C.*, apresentada na FLUP, 2000, sendo que a questão da continuidade/descontinuidade foi abordada em outros estudos efectuados por Maria das Dores Cruz na sua dissertação de mestrado intitulada *Significado social da cerâmica doméstica. Fundamentos para uma classificação tipológica da cerâmica de Castelo Velho (Freixo de Numão)*, apresentada à FLUP, 1993, por Iva Botelho na sua dissertação de mestrado intitulada *Dos cacos e dos vasos. O “Castelo Velho” de Freixo de Numão, na charneira do III-II milénio a.C.*, apresentada à FLUP, 1996, por João Muralha na sua dissertação de mestrado intitulada *Materiais líticos e cerâmicos de Castelo Velho de Freixo de Numão. Continuidades e descontinuidades: uma proposta de abordagem estatística*, apresentada à FLUP, 1996 e por Cristina Silva na sua dissertação de mestrado intitulada *O povoado pré-histórico do Castelo Velho de Freixo de Numão no quadro do povoamento da 2ª metade do III milénio/1.ª metade do II milénio a.C. no concelho de Vila Nova de Foz Côa*, apresentada à FLUP, 1996.

⁵ Pereira, Leonor, *As Cerâmicas “Cogeces” de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). O seu enquadramento peninsular*, Dissertação de mestrado, FLUP, 1999.

aspectos que organizam a pesquisa e que passamos a enunciar.

Relativamente à intervenção arquitectónica é de reter um processo de progressiva domesticação/ /apropriação do morro no qual é possível reconhecer três modos de actuação:

- a intervenção inicial faz-se de um modo minimal: apesar das transformações, a **cenografia é fundamentalmente pontuada por elementos naturais**;
- a intervenção opera-se progressivamente através da construção de estruturas que “personalizam” o morro, isto é, faz-se no sentido de se **destacar este espaço em termos visuais por acção antrópica**;
- a intervenção final consiste numa **“camuflagem”**: opera-se através da criação de uma carapaça pétreia que “dissimula” o lugar na paisagem.

Em conexão com esta realidade em constante mutação, o registo arqueológico permite a identificação de alguns contextos em que **os artefactos são manipulados num sistema de significações polissémicas**.

Castelo Velho, ao longo de mais de mil anos, terá sido um lugar em constante negociação, no interior do sistema social em que se inseria, funcionando assim um pólo de reformulação de diversas sociabilidades. Desta forma, na longa diacronia em que foi um lugar vivo, funcionou como um palco de acções que permitiu uma permanente reatualização identitária (Fig.16).

Porto, Setembro de 2004

BIBLIOGRAFIA:

- BAPTISTA, Lúcia - *O Interior do Recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão: Contributos para a Interpretação de Contextos de Uso*, Dissertação de Mestrado, FLUP, 2003
- BOTELHO Iva - *Dos cacos e dos vasos. O “Castelo Velho” de Freixo de Numão, na charneira do III-II milénio a.C.*, Dissertação de mestrado, FLUP, 1996
- CRUZ, Maria das Dores - *Significado social da cerâmica doméstica. Fundamentos para uma classificação tipológica da cerâmica de Castelo Velho (Freixo de Numão)*, Dissertação de Mestrado, FLUP, 1993
- GOMES, Sérgio - *Contributos para o Estudo dos “Pesos de Tear” de Castelo Velho de Freixo de Numão. Exercícios de Interpretação do Registo Arqueológico*, Dissertação de Mestrado, FLUP, 2003
- JORGE, Susana Oliveira - Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular. *Revista da Faculdade de Letras*, Porto, 2.ª série, vol. XI, 1994, pp.447-546
- JORGE, Susana Oliveira - Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal, *Património e Estudos, Ciências e técnica aplicadas ao Património*, n.º 3, IPPAR, Porto, 2002, pp. 145-164
- JORGE, Susana Oliveira - Pensar o Espaço da Pré-História Recente: a propósito dos recintos murados da Península Ibérica, *Recintos Murados da Pré-História Recente*, FLUP, DCTP, CEAUC, Porto-Coimbra, 2003, pp. 13-50
- JORGE, Susana Oliveira - Cenografias Monumentais pré-históricas: tópicos para uma reflexão, *Arquitectando espaços: da natureza à metapolis*, coordenação de Vítor Oliveira Jorge, FLUP, DCTP, CEAUC, Porto-coimbra, 2003, pp. 63-83
- MURALHA, João, *Materiais líticos e cerâmicos de Castelo Velho de Freixo de Numão. Continuidades e descontinuidades: uma proposta de abordagem estatística*, Dissertação de mestrado, FLUP, 1996
- OLIVEIRA, Maria de Lurdes, *As Primeiras Intervenções Arquitectónicas no Castelo Velho de Freixo de Numão*, Tese de Dissertação de Mestrado, FLUP, 2003.
- PEREIRA, Leonor, *As cerâmicas “Cogeces” de Castelo Velho, freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). O seu enquadramento peninsular*, Dissertação de mestrado, FLUP, 1999
- SILVA, Cristina, *O povoado pré-histórico do Castelo Velho de Freixo de Numão no quadro do povoamento da 2ª metade do III milénio/1.ª metade do II milénio a.C. no concelho de Vila Nova de Foz Côa*, Dissertação de mestrado, FLUP, 1996.
- VARELA, José Manuel, *As cerâmicas do Bronze Inicial e Médio de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Tradição e Inovação na Transição do III para o II milénio a. C.*, Dissertação de mestrado, FLUP, 2000.



Fig.1 – Fotografia aérea de Castelo Velho (Fotografia de V. O. Jorge).

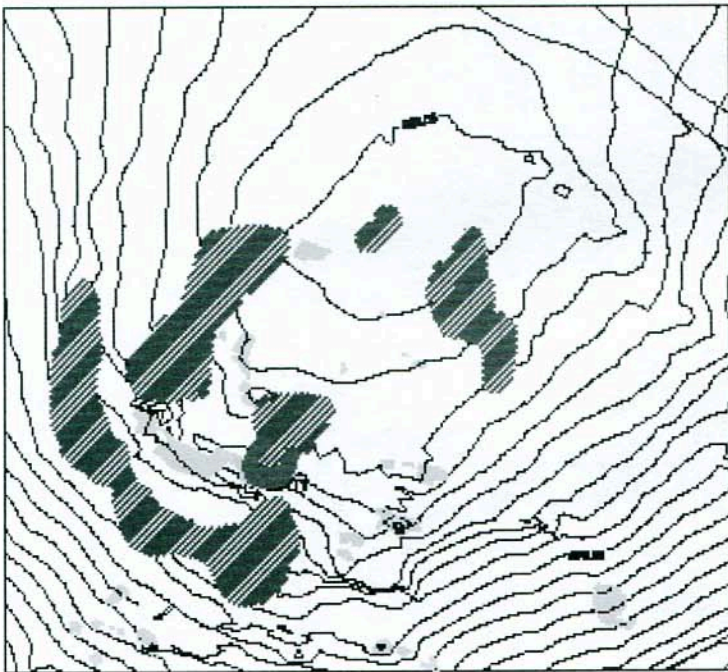
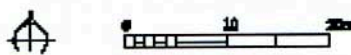


Fig. 2 – Primeira fase construtiva; o tracejado corresponde às áreas de ocupação inicial do morro; T1 refere-se ao Torreão Sul.



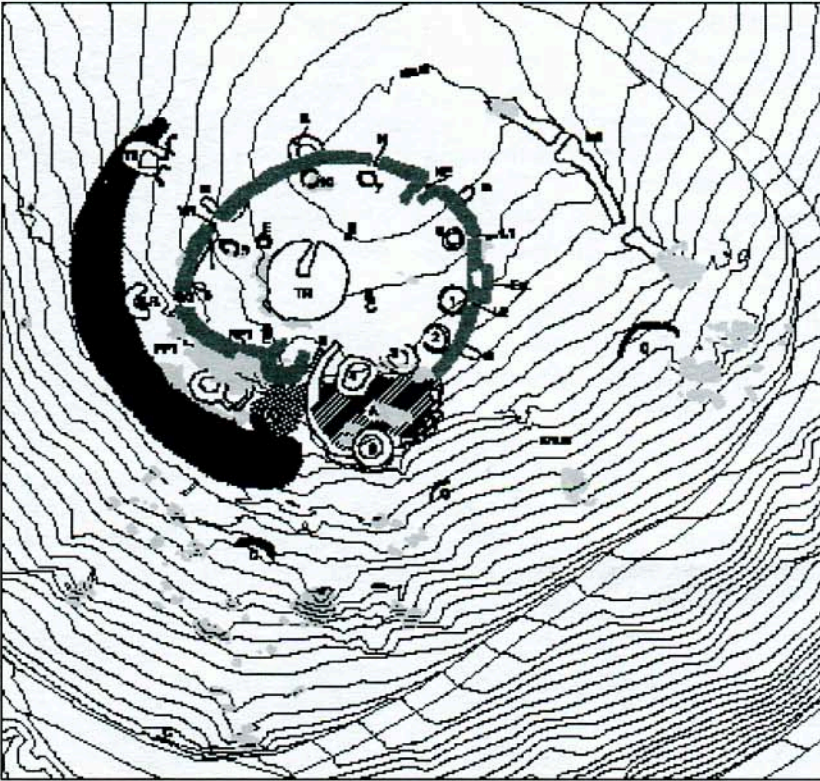


Fig. 3 – Segunda fase construtiva (2 A): construção no topo do morro de um recinto.

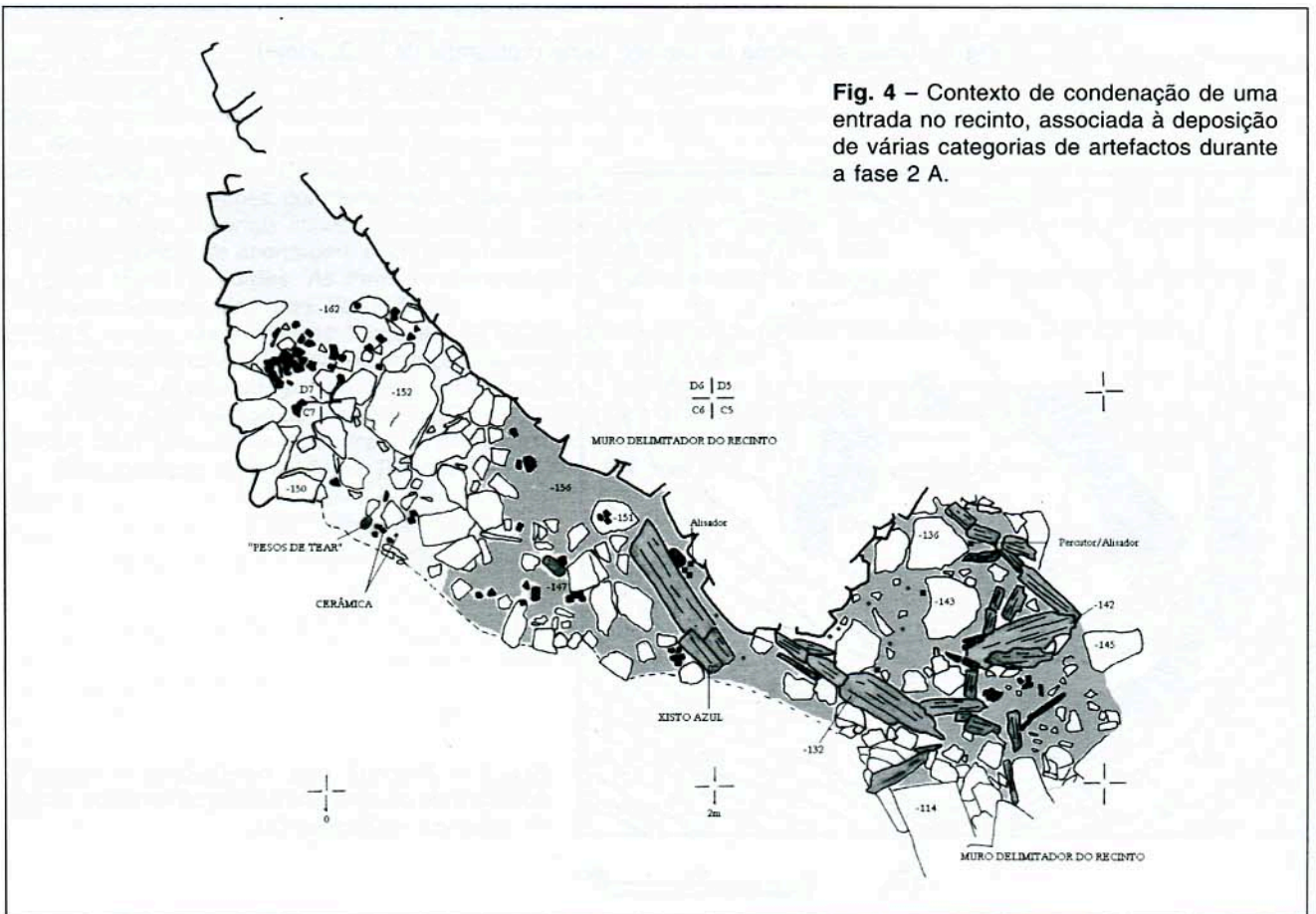


Fig. 4 – Contexto de condenação de uma entrada no recinto, associada à deposição de várias categorias de artefactos durante a fase 2 A.

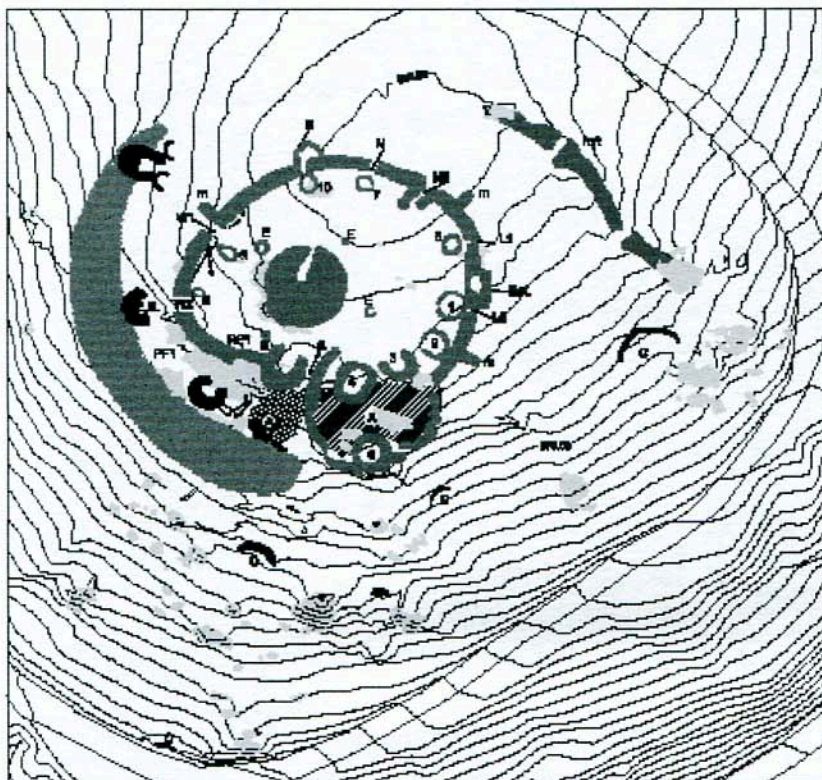


Fig. 5 – Segunda fase construtiva (2 B). Construção do monumento na sua totalidade: Recinto, Plataforma Intermédia, Talude e Murete Leste.



Fig. 6 – Estrutura das sementes (S). Estrutura subquadrangular adossada ao murete, na qual foram identificados seis níveis de deposição de várias categorias de artefactos, sendo de destacar milhares de sementes de trigo, e fragmentos de vasos cerâmicos (Fotografia de V. O. Jorge).



Fig. 7 – Estrutura ritual (ER) – Estrutura subcircular com deposição de ossos humanos associados a outras categorias de artefactos (Fotografia de V. O. Jorge).

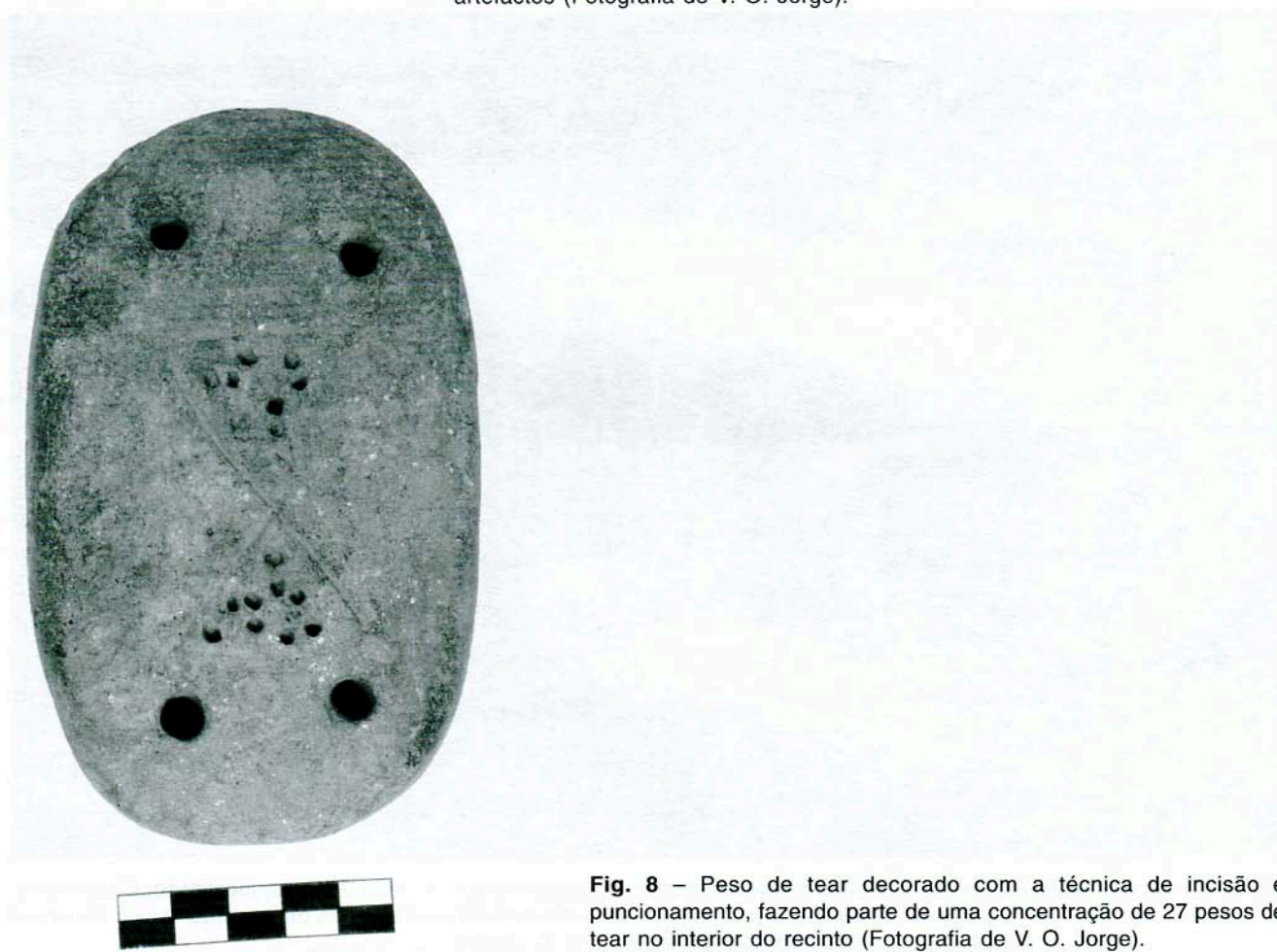


Fig. 8 – Peso de tear decorado com a técnica de incisão e puncionamento, fazendo parte de uma concentração de 27 pesos de tear no interior do recinto (Fotografia de V. O. Jorge).

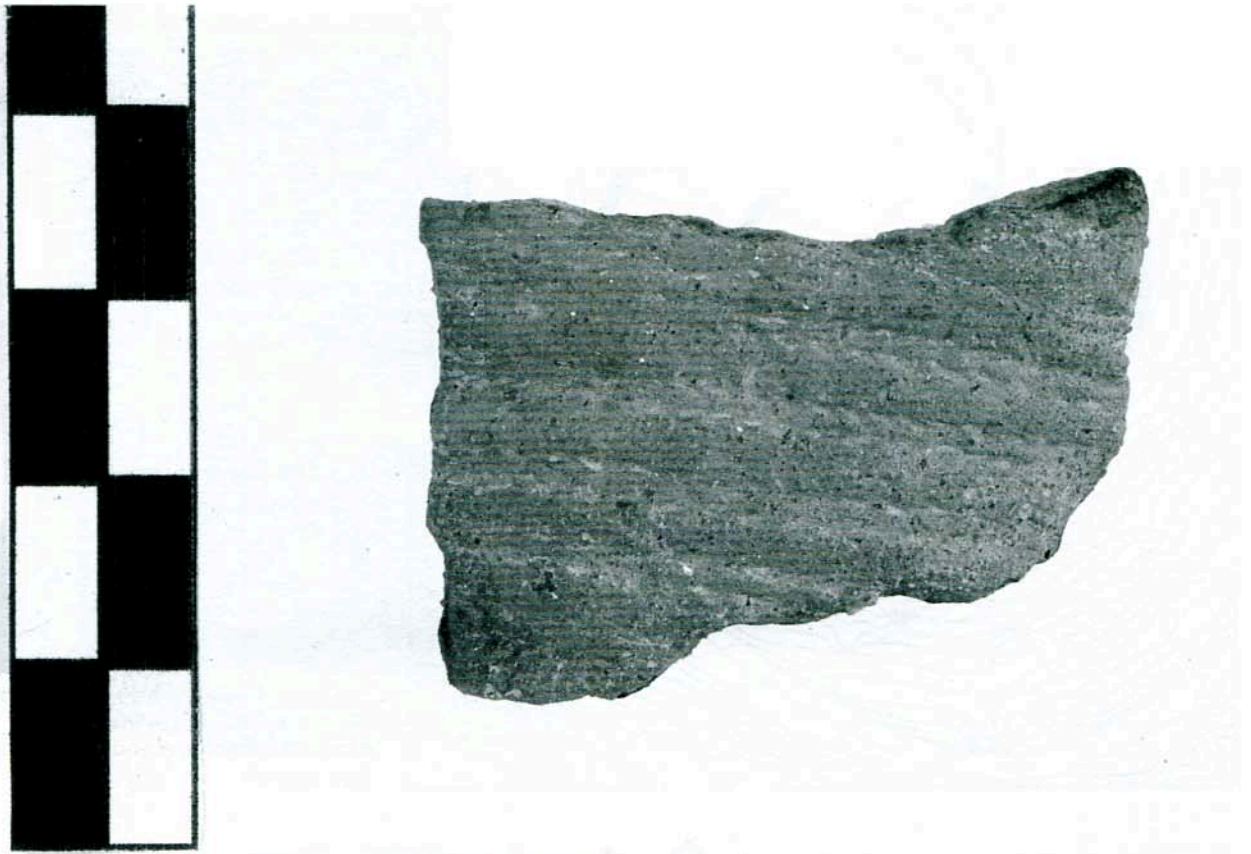


Fig. 9 – Fragmento de vaso campaniforme cordado (Fotografia de J. Varela).

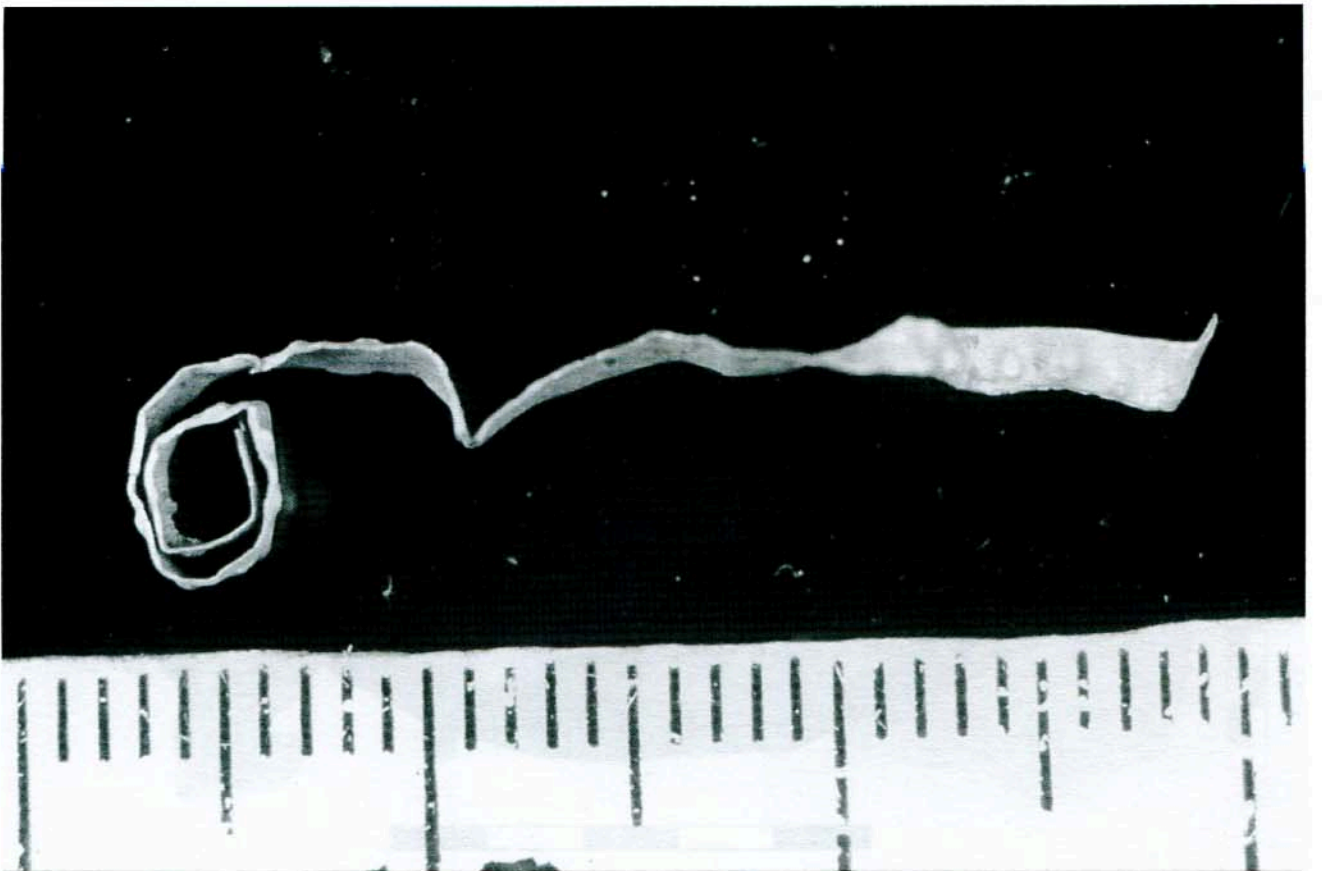


Fig. 10 – Objecto em ouro (Foto ICBAS, U.P.)

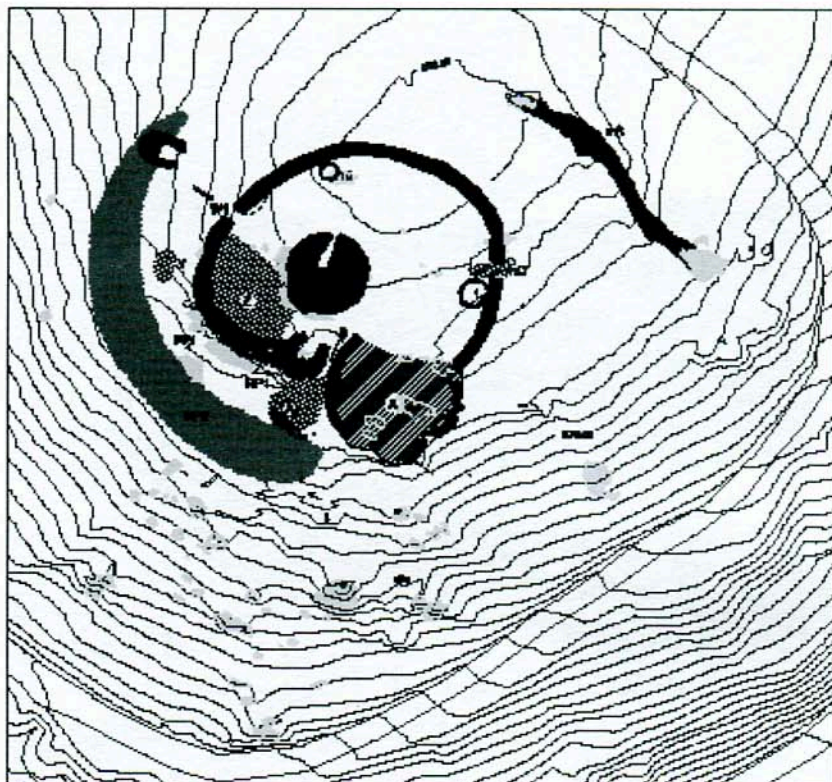


Fig. 11 – Segunda fase construtiva (2 C).
Condensação de estruturas de menor
dimensão, permanecendo apenas duas da
fase anterior.



Fig. 12 – Vaso carenado do interior dum "cairn": estrutura na área leste do interior do recinto (Fotografia de J. Varela).



Fig. 13 – Fragmento de vaso com decoração plástica.
(Fotografia de J. Varela)



Fig. 14 – Fragmentos de vasos Cogeces, com incisão em espinha junto ao bordo e impressão ao longo do corpo do vaso.
(Fotografias de J. Varela)

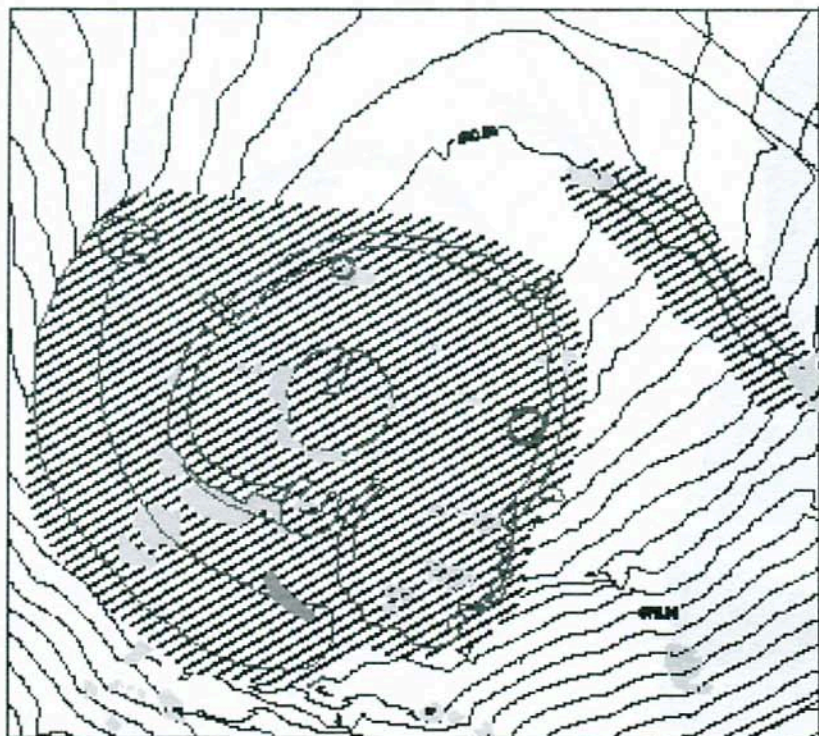


Fig. 15 – Terceira fase construtiva: con-
denação do sítio.



Fig. 16 – Fotografia do Castelo Velho, com o Monte de S. Gabriel no horizonte (Fotografia de D. Pavone).